

## RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 17/05/2018.

**RODNEY QUERINO FERREIRA DA COSTA**

**O MUNDO DO TRABALHO DOCENTE  
E O ESGOTAMENTO PSÍQUICO**

**ASSIS  
2017**

**RODNEY QUERINO FERREIRA DA COSTA**

**O MUNDO DO TRABALHO DOCENTE  
E O ESGOTAMENTO PSÍQUICO**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientadora: Prof. Dra. Rita Melissa Lepre

**ASSIS  
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

F383m	<p>Ferreira-Costa, Rodney Querino O mundo do trabalho docente e o esgotamento psíquico / Rodney Querino Ferreira da Costa. Assis, 2017. 188 f. : il.</p> <p>Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Orientador: Dr<sup>a</sup> Rita Melissa Lepre</p> <p>1. Ansiedade. 2. Depressão. 3. Fadiga mental. 4. Saúde mental. 5. Professores. I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD</p> <p>616.89</p>
-------	--

Rodney Querino Ferreira da Costa

**O MUNDO DO TRABALHO DOCENTE E O ESGOTAMENTO  
PSÍQUICO**

Dissertação apresentada à Faculdade de  
Ciências e Letras – UNESP/Assis para a  
obtenção do título de Mestrado Acadêmico em  
PSICOLOGIA (Área de Conhecimento:  
PSICOLOGIA E SOCIEDADE)

Data da Aprovação: 17/05/2017

COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: Prof. Dr. Nelson Pedro da Silva - UNESP/ASSIS



Membros: Prof. Dr. Antonio Francisco Marques - UNESP/BAURU



Profa. Dra. Rosana de Sousa Pereira Lopes - UEL/LONDRINA

## DEDICATÓRIA

Nesse estudo discorro sobre a dificuldade da sociedade de construir vínculos de longo prazo em um mundo tão efêmero como o nosso. Pensando nesse fenômeno, e como ato de resistência a essa realidade, dedico esse manuscrito à pessoa que esteve presente em toda a narrativa que construí desde o primeiro dia que coloquei os pés em Assis (2003), para iniciar minha graduação em Psicologia, até o término dessa dissertação: Fabiana Rodrigues da Silva Costa – minha ilustríssima esposa, parceira de pesquisas e colega de profissão. Agradeço por todo o afeto recebido e pelo incentivo para a volta à vida acadêmica. É certo que esse trabalho não seria possível sem o seu apoio e paciência para lê-lo inúmeras vezes. Nossas conversas, bem como suas críticas e sugestões permeiam todo o texto, o que faz a considerar tão autora como eu dessa empreitada. Agradeço pela história que compartilhamos e por gerar diariamente dentro de mim o desejo de sempre ser uma pessoa melhor.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço minha orientadora Melissa Lepre, pela ajuda e carinho. Você me acolheu em um momento delicado da pesquisa e conseguiu transmitir a calma que necessitava para dar prosseguimento. Minha gratidão será eterna.

Aos companheiros de pós-graduação Tassiana Carli e Paulo Marinho. A amizade que construímos nesse percurso está entre as melhores coisas que me ocorreu. Lembrarei afetuosamente dos momentos de risadas e de histeria coletiva que passamos juntos. Decerto, ao lado de vocês, me tornei um psicoterapeuta melhor.

Aos professores do programa que, ao longo do mestrado, compartilharam sua sabedoria, apresentando caminhos nos quais auxiliaram na construção teórico-metodológica do estudo. São eles: Danilo Veríssimo, Esdras Vasconcellos (IP/USP), Gustavo Dionísio, Mary Okamoto e Silvio Yasui. Cada um conseguirá sentir-se representado nesse texto.

Ao colega Nelson de Almeida Gouveia que, mesmo sem me conhecer previamente, auxiliou na parte estatística do estudo. Obrigado por tamanha generosidade. Considere-se como um dos responsáveis para a existência dessa obra.

Aos professores que gentilmente aceitaram participar das bancas de qualificação e defesa: Antônio Francisco Marques (Unesp/Bauru) e Rosana de Sousa Pereira Lopes (UEL). Foi um privilégio tê-los como avaliadores. Suas contribuições e críticas foram inestimáveis para a qualidade do trabalho.

A todos os docentes e gestores de São José dos Campos (SP), que participaram dessa pesquisa. É com grande carinho que me lembrarei desse contato. Guardo todos dentro de meu coração, por terem me permitido adentrar em seus espaços e por compartilharem um pouco do que sentiam. Espero que a confiança depositada em mim possa gerar frutos que auxiliem na melhoria das condições de trabalho no Magistério.

Aos meus queridos colegas de trabalho, principalmente a equipe do Ambulatório de Saúde Mental Adulto do CVV, e aos educadores pertencentes à rede municipal de ensino de Paraibuna (SP). A experiência acumulada nesses espaços

foi de uma riqueza imensurável, fico feliz por todos terem feito parte de minha vida. Esses lugares foram, sem dúvida, a melhor escola que tive.

Agradecimento especial dedico ao professor Evânio Leal de Lima (in memoriam), que até meados de 2016 fora Secretário de Educação e, conseqüentemente, meu chefe. Uma das pessoas mais correta e trabalhadora que tive o prazer de conhecer. É com pesar que nesse momento não possamos compartilhar essa conquista, visto o respeito que nutríamos um pelo outro, apesar das discordâncias ocasionais.

A meus pais, Dona Cleonice e Seu Jeremias (in memoriam), meus irmãos, Rogério, Ricardo e Rodrigo, e meus sogros, Dona Francinetti e Seu Alberto, que, cada um a sua maneira, ajudou em meu desenvolvimento como ser humano. Às vezes, é necessário tempo e distanciamento para que certas experiências vivenciadas possam ser melhor compreendidas – ou ressignificada, para utilizar uma palavra cara aos psicólogos. Creio que hoje consigo demonstrar melhor a gratidão pela (ótima) formação que tive. Foram muitos os momentos de alegria, e mesmo os ruins foram essenciais para me tornar o que sou hoje.

À minha psicoterapeuta Fernanda Falcão, por toda a ajuda dispendida ao longo desses anos e por me acompanhar nessa caminhada até esse momento. Certamente, você foi responsável pela minha sanidade mental ter saído ilesa desse processo.

Encerrando, deixei para agradecer por último à pessoa mais importante para a elaboração dessa pesquisa: meu primeiro orientador Nelson Pedro-Silva. Você foi um verdadeiro mestre e um grande amigo. Sei de todos os esforços e a dedicação ímpar no qual debruçou sobre nossos escritos. Acredito que ambos crescemos nessa trajetória, e que toda a energia psíquica gasta no processo foi recompensada. Espero corresponder à confiança depositada, e possamos continuar juntos construindo conhecimento.



### **Queixa antiga**

*É uma dor que me dói muito longe...  
Dor antiga, separada do corpo.*

*É uma dor que me dói não sei onde,  
meio física, metade celeste.*

*Um tanto minha, outro tanto da terra.*

*Veja o galho cortado a uma fronde  
e que ainda dá flores sentidas  
e que assim à sua árvore responde.*

*Seu futuro parece o meu passado:  
minhas longas raízes ficaram  
no chão duro de onde fui arrancado.*

*(No chão duro onde arroios felizes  
ainda cantam pelos vãos do passado)*

FERREIRA-COSTA, R. Q. **O mundo do trabalho docente e o esgotamento psíquico**. 2017. 188 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2017.

## RESUMO

Organizações que estudam a situação profissional do docente têm apontado que, atualmente, o magistério é considerado um trabalho de risco e, conseqüentemente, com maior probabilidade de adoecimento mental. Diante desse quadro, esta pesquisa tem por objetivo analisar os níveis de ansiedade e de depressão dessa população e aferir a relação destes níveis com as características pessoais e trabalhistas. Para tanto, foram sujeitos da pesquisa 163 professores do Ensino Básico da rede pública estadual de São José dos Campos (SP). Para a obtenção das informações, utilizou-se as escalas *Beck Anxiety Inventory* (BAI) e *Beck Depression Inventory* (BDI) e questionários com o intuito de coletar dados sociodemográficos e relacionados ao grau de satisfação com o trabalho. Os resultados indicaram que 58,0% dos questionados estavam psicologicamente adoecidos, e 27,0% deles apresentaram sintomatologia condizente a um quadro de transtorno de ansiedade ou de depressão. Entre os grupos considerados mais vulneráveis, destacaram-se os que: a) declararam não ter religião; b) trabalhavam em apenas uma escola; possuíam um filho; d) tinham feito mais de uma graduação acadêmica; e) desaprovavam algum aspecto de seu trabalho; e f) estavam usando medicação com função psicotrópica. Acredita-se que o processo de subjetivação desencadeado pela efemeridade das relações contemporâneas, juntamente com a dinâmica trabalhista do curto prazo, da flexibilidade, da competitividade e da produtividade, tem se apropriado de todas as reservas psíquicas do professor, desestimulando-o a estabelecer vínculos profundos com a sua função e com os estudantes, além de contribuir para o seu adoecimento. Foi possível concluir, assim, que é urgente a criação de políticas educacionais que levem em consideração a saúde mental dos docentes, promovendo ações que possam prevenir seu adoecimento, bem como remediá-lo, tais como oferecer maior acesso a serviços médico e psicológico; implantar projetos que aproximem educadores, educandos e familiares; possibilitar a diminuição do conteúdo programático obrigatório, entre outros.

Palavras-chave: Ansiedade. Depressão. Fadiga mental. Saúde mental. Professores.

FERREIRA-COSTA, R. Q. **The world of teaching work and psychological exhaustion**. 2017. 188 f. Dissertation (Masters in Psychology). – São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2017.

### ABSTRACT

Organizations that study the professional situation of teachers have pointed out that the teaching profession is currently considered risky work, which, consequently, has a higher probability of mental illness. In view of this context, this research has aimed to analyze the levels of anxiety and depression of teachers and to assess the relationship of these levels with personal and labor characteristics. To this end, 163 early childhood, primary and secondary teachers of São Paulo state's public education system in São José dos Campos city were subjects of the research. Beck Anxiety Inventory (BAI), Beck Depression Inventory (BDI) and questionnaires were used to collect sociodemographic data and information on the degree of satisfaction with work. Results indicated that 58.0% of respondents were psychologically ill, and 27.0% of them had symptomatology consistent with anxiety or depression disorders. Among the groups considered most vulnerable, the following stood out: (a) those who declared they had no religion; (b) worked in only one school; (c) had a child; (d) had more than one academic degree; (e) disapproved of some aspect of their work; and (f) were using medication with a psychotropic function. It is believed that the process of subjectivation triggered by the ephemerality of contemporary relationships, along with the dynamics of short-term labor, flexibility, competitiveness, and productivity, has appropriated all the psychological reserves of teachers, discouraging them to establish deep connections with their job or students, besides contributing to their illness. Therefore, it was concluded that there is an urgent need for educational policies that take into account the teachers' mental health, promoting actions to prevent and remedy their illnesses, such as offering greater access to medical and psychological services; implementing projects that bring together educators, learners and their families; making it possible to reduce compulsory content, among others.

Keywords: Anxiety. Depression. Mental fatigue. Mental health. Teachers.

## ÍNDICE DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 – Classificação das Escalas Beck (BAI e BDI) .....	105
Quadro 2 – Correlação de Person .....	107
Figura 1 – Graduação da amostra de docentes da rede estadual de ensino de São José dos Campos (SP) por área de conhecimento .....	117
Figura 2 – Distribuição da amostra de docentes (n) da rede estadual de ensino de São José dos Campos (SP) pelo nível de ensino que trabalha .....	122
Figura 3 – Incidência de Transtorno de Ansiedade e/ou Depressão na amostra de docentes de São José dos Campos (SP) .....	127
Figura 4 – Incidência de adoecimento/esgotamento mental na amostra de docentes de São José dos Campos (SP) .....	128

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição da amostra de docentes da rede de ensino estadual de São José dos Campos (SP) .....	101
Tabela 2 – Perfil sociodemográfico da amostra de docentes da rede estadual de ensino de São José dos Campos (SP) .....	115
Tabela 3 – Formação acadêmica da amostra de docentes da rede estadual de ensino de São José dos Campos (SP) .....	116
Tabela 4 – Histórico profissional da amostra de docentes da rede estadual de ensino de São José dos Campos (SP) .....	118
Tabela 5 – Características profissionais da amostra de docentes da rede estadual de ensino de São José dos Campos (SP) .....	120
Tabela 6 – Distribuição da amostra de docentes da rede estadual de ensino de São José dos Campos (SP) referente a tratamento psicológico e psiquiátrico .....	123
Tabela 7 – Distribuição da amostra de docentes de São José dos Campos (SP) referente ao histórico de queixas apresentadas para o uso de medicamento .....	125
Tabela 8 – Resultado das Escalas Beck de Ansiedade e Depressão (BAI e BDI) da amostra de docentes de São José dos Campos (SP) .....	126
Tabela 9 – Distribuição referente ao grau de satisfação sobre aspectos estruturais, materiais e pecuniários dos docentes de São José dos Campos (SP) .....	130
Tabela 10 – Distribuição pelo grau de satisfação dos docentes, referente às relações estabelecidas com os funcionários da escola onde leciona .....	131
Tabela 11 – Distribuição pelo grau de satisfação dos docentes, referente às relações estabelecidas com os estudantes e seus responsáveis .....	132
Tabela 12 – Distribuição referente à satisfação profissional e ao tempo disponível para prática educativa .....	133

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>I - CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO</b> .....	29
1 Origens, transformações e desafios da contemporaneidade .....	30
1.1 Um pouco de história .....	34
2 A saúde do trabalhador na sociedade capitalista: feridas psíquicas e morais	38
3 <i>Burnout</i> – O trabalho sugando a energia interna do sujeito .....	49
<b>II - ESCOLA ADOECIDA: ESTUDOS ANTERIORES</b> .....	54
1 Uma análise da saúde mental do professor: estudos e referenciais teóricos .	55
2 Temas abordados .....	60
2.1 Motivos médicos de afastamento de professores de suas funções .....	60
2.2 Incidência de transtornos mentais e/ou físicos .....	61
2.3 Aspectos da prática profissional docente geradores de doenças .....	70
2.4 Satisfação profissional e qualidade de vida .....	74
2.5 Pesquisa interventiva .....	78
2.6 Comparação entre realidades distintas .....	79
2.7 Conhecimento sobre o tema da saúde mental .....	80
2.8 Influência do adoecimento do professor no processo educativo .....	81
3 Síntese e considerações .....	82
<b>III - ANSIEDADE E DEPRESSÃO: as doenças da contemporaneidade</b> .....	84
1 Algumas considerações sobre o assunto .....	86
2 Ansiedade .....	88
3 Depressão .....	92
<b>IV - OBJETIVOS E PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	98
1 Objetivos do estudo .....	99
2 Tipo de pesquisa e referencial teórico .....	100
3 Sujeitos .....	100

4 Instrumentos .....	102
5 Procedimento geral para coleta das informações (dados) .....	104
6 Procedimento geral para a análise das informações (dados) .....	105
7 Comitê de ética .....	108
8 Algumas considerações sobre a aplicação dos instrumentos e a devolutiva dos dados .....	108
<b>V - RESULTADOS .....</b>	<b>113</b>
1 Informações pessoais e profissionais .....	114
1.1 Perfil sociodemográfico dos professores .....	114
1.2 Formação acadêmica .....	116
1.3 Histórico profissional .....	117
1.4 Atuação docente .....	119
2 Saúde mental .....	122
2.1 Medicação e psicoterapia .....	122
2.2 Níveis de Ansiedade e Depressão .....	126
3 Satisfação com o trabalho .....	130
<b>VI - ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>135</b>
1 A saúde mental em um mundo flexível e de relações de curto prazo .....	136
1.1 A situação psíquica do professor e estratégias de enfrentamento .....	136
1.2 Ansiedade, depressão e dados sociodemográficos .....	138
2 As condições encontradas para a prática de ensino: um olhar sobre a satisfação dos professores .....	147
2.1 Ambiente laboral .....	148
2.2 Relações estabelecidas no espaço escolar .....	150
2.3 Satisfação profissional e o controle sobre o tempo .....	153
<b>VII - CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>157</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>166</b>
<b>APÊNDICES E ANEXOS .....</b>	<b>182</b>





*Os estudos aperfeiçoam a natureza e são aperfeiçoados pela experiência.*  
Francis Bacon (1561-1626)

Em 2003 ingressamos no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Campus de Assis. Desde essa época já nos interessávamos por assuntos relacionados à educação. Inclusive, durante esse período, fizemos estágio profissionalizante em “Psicopedagogia e desenvolvimento infanto-juvenil”. Além disso, realizamos duas pesquisas de iniciação científica sobre o uso de jogos como recurso pedagógico<sup>1</sup>.

Com o término da graduação, ocorrido em 2007, começamos a desenvolver nossa prática profissional em dois lugares. Ao mesmo tempo, iniciamos atuação como psicoterapeuta em um ambulatório de saúde mental localizado em São José dos Campos (SP) e como psicólogo escolar junto à Diretoria de Ensino de Paraibuna (SP).

Os anos em que atuamos como psicoterapeuta possibilitou que tivéssemos contato diário com grande número de pessoas que apresentavam as mais variadas queixas. Seus sofrimentos, os sentidos que atribuíam a sua existência, bem como as formações de vínculo, foram importantes para o nosso desenvolvimento como psicólogos e indivíduos. Aprendemos a escutar e a acolher as demandas do outro, assim como a interpretar o silêncio, a trabalhar com profissionais de diversas áreas, a enriquecermos com a “troca” de saberes, a respeitar a dor alheia – frequentemente invisível aos olhos de outrem – e a auxiliar em sua superação, entre outros aspectos.

O caminho percorrido como psicólogo escolar foi, a nosso ver, mais penoso. Porém, assim como o de psicoterapeuta foi igualmente rico. Quando iniciamos os nossos trabalhos, junto à referida Diretoria de Ensino, as escolas nos receberam com um misto de sensações. Alguns educadores nos viram como a “salvação da lavoura” e nos atribuíram poderes quase divinos de modificação do estado de ser das pessoas. Em decorrência desse raciocínio, os docentes nos encaminharam crianças com laudo médico de deficiência intelectual, com a esperança de que este estado fosse revertido. Outros nos viram com desconfiança, por temer que

---

<sup>1</sup> Tratou-se dos estudos intitulados *O uso do RPG como possível auxiliar pedagógico* (FERREIRA-COSTA et al., 2007) e *O role-playing game como ferramenta de aprendizagem no Ensino Fundamental e Médio* (FERREIRA-COSTA et al., 2008), orientados pelo Prof. Dr. Eduardo Galhardo.

interferíssemos em suas práticas e nas rotinas da escola. Existiu, também, um pequeno grupo que literalmente entrou em crise psiquiátrica, com alucinações de persecutoriedade de que “descobriríamos” e “exporíamos” seus estados mentais. Estes, antes mesmo de nos conhecer, partiram para o enfrentamento, com intuito de nos descredibilizar para que, assim, nossa fala perdesse força frente aos demais.

Com muito esforço e trabalho, feito de maneira paulatina, acreditamos ter conseguido desconstruir a imagem que atribuíam ao psicólogo, principalmente em relação a nossa intervenção. Por ser um trabalho institucional, começamos a participar dos espaços reservados para as reuniões de professores, denominado Horas de Ensino Continuado (HEC). Nesses encontros, buscamos trocar conhecimentos e, muitas vezes, os auxiliamos no tocante aos problemas vivenciados por eles, sobremaneira na relação estudante-escola-família. Foi nessa ocasião que disponibilizamos, na maioria das unidades de ensino, horários de supervisão e de acolhimento para professores, educandos e responsáveis.

Estes são alguns exemplos do que realizamos. O que pretendemos dizer com esta exposição é que, com o tempo, conseguimos estabelecer vínculo com a maioria dos educadores e, por fim, nos tornamos um deles, ou seja, passamos a fazer parte da horda dos docentes. Essa relação estabelecida nos permitiu ter acesso a outros aspectos de suas vidas, além dos relacionados ao seu trabalho, os quais a maioria das pessoas tem dificuldade em explicitá-los.

Verificamos que muitos deles estavam desorientados com relação aos rumos de suas vidas, tanto na dimensão pessoal quanto na profissional. Ora, desconhecemos alguém que possa afirmar possuir total domínio sobre esses aspectos. No entanto, no caso de nossos colegas, tal situação já tinha deixado marcas em seus corpos e mentes, a ponto de comprometer consideravelmente a qualidade de vida. Informamos que nesses momentos, não conseguíamos desvencilhar nosso olhar de profissionais da saúde mental, isto é, aquilo que eles nos narravam não era apenas produto de um quadro de angústia normal e esperada de qualquer existência humana. Para nós, eles estavam doentes ou adoecendo psicologicamente.

No dia-a-dia de trabalho era possível observarmos o reflexo dessa situação: pedidos de afastamento médico; problemas de relacionamento, mesmo com aqueles com os quais tinham amizade; dificuldades para lidar com a dinâmica dos educandos; conseqüentemente, maior quantidade de encaminhamento de

estudantes para psicólogo e outros profissionais (principalmente do setor de Saúde); relatos de sintomas de pânico quando tinham que se dirigir à instituição educativa no qual desempenham atuação profissional, entre outros.

Diante desse quadro, nós começamos a realizar algumas ações junto a esses trabalhadores visando seu bem estar. Inspirado em atividades ocorridas nas supervisões técnicas junto à equipe multiprofissional no ambulatório – denominadas “cuidar de quem cuida” – criamos alguns canais para que as inquietudes desses profissionais pudessem ser verbalizadas. Tempos depois, timidamente, estabelecemos pontes com outros serviços do município. A nossa intenção era a de que eles contassem com o auxílio de outros profissionais, como psiquiatras. Houve professores que com uma única escuta sentiram que suas energias tinham sido renovadas. Outros necessitaram realizar tratamento médico e/ou psicológico. Obviamente, nem todos os educadores deram abertura para esse tipo de intervenção. Muito menos, nos colocamos na posição de que solucionaríamos todas as demandas feitas.

No entanto, essa experiência nos levou a refletir sobre a importância da saúde mental para a concretização da prática docente, bem como os seus reflexos no processo de ensino-aprendizagem e no estabelecimento de vínculos nesse lugar.

Por ser a escola um espaço de convívio obrigatório dos quatro até os 17 anos de idade, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96<sup>2</sup>) (BRASIL, 1996), essa instituição tem o dever de desempenhar papel fundamental no desenvolvimento global do indivíduo. Isso se deve, entre outros fatores, pelo ingresso das pessoas em idade tenra nessa instituição. Por conseguinte, a nosso ver, é esperado que muitas das primeiras experiências necessárias à formação da subjetividade ocorram nesse ambiente. Logo, mais do que um espaço de transmissão das informações produzidas ao longo da história da humanidade, a Escola não pode perder de vista a sua importância no fortalecimento e/ou na transformação da sociedade.

Com referência a isso, Paín (1985) afirma que a educação desempenha quatro funções interdependentes. A primeira é a de manter o *status quo* vigente, por meio da reprodução em cada indivíduo das normas e regras que visam garantir a permanência da espécie. A segunda relaciona-se a sua função socializadora, isto é,

---

<sup>2</sup> A idade obrigatória pela LDB sofreu alteração pela Lei 12746/13 (BRASIL, 2013).

a de transformação do ser humano em sujeito, em ser civilizado, por meio do emprego das ferramentas construídas pelo homem, assim como da linguagem e do modo de vida existente. A terceira, diz respeito à função repressiva. Se “[...] a educação permite a continuidade funcional do homem histórico, garante também a sobrevivência específica do sistema que rege uma sociedade [...]” (PAÍN, 1985, p. 12). Por fim, as contradições do sistema levam a educação a funcionar como elemento transformador da ordem social em voga.

Saviani (2015, p. 287), por sua vez, considera a ação educativa como

[...] o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se formem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

Ainda a esse respeito, com base na Declaração Universal dos Direitos do Homem, Piaget (1948/1972, p. 51 e 72) afirma que a educação a) é um direito de todos; b) deve ser gratuita; c) visar o pleno desenvolvimento da personalidade do educando e “o reforço do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais”; bem como, d) “favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos”.

Para tanto, tal ambiente deve ser adequado à realização de tais funções. Só assim, os educandos podem efetivamente se transformar em cidadãos. Em outras palavras, para que tenhamos estudantes civilizados e críticos, é necessário que a Escola seja um local socializador e, igualmente, crítico. Dessa forma, é necessário que os diversos atores que habitam esse espaço (professores, pessoal técnico-administrativo, coordenadores e dirigentes, entre outros), estejam preparados para lidar, de um lado, com as demandas dos educandos e, de outro, com as exigências para se viver em sociedade.

Para isso, o professor é uma figura fundamental. Não nos referimos aqui apenas à sua qualificação técnica, mas também à sua formação psicológica e social, sobretudo no tocante à sua capacidade para lidar com o outro, notadamente em situações de conflito e de desafio. Nesse ponto, nos indagamos, quais são as políticas e as estratégias que a Escola tem empregado, hoje, para lidar com as adversidades que ocorrem em seu espaço?

Segundo Elias (2014) e Pereira (2015), contudo, na economia capitalista – onde o ensino é tratado como mercadoria, devido à busca desenfreada pelo lucro – ações de promoção à saúde laboral, muitas vezes, são ignoradas pelos gestores. A preocupação está concentrada no aumento da quantidade de estudantes matriculados e aprovados, ficando a saúde do professor em segundo plano – para não dizer, em último.

Foi esse um dos aspectos que observamos, a partir de nossa prática profissional, como psicólogos escolares na citada rede pública de ensino – o adoecimento psíquico dos professores.

Verificamos, a partir de nossos atendimentos, que parcela considerável do corpo docente estava sofrendo psicicamente. Dentre as causas para este estado, ouvimos relatos de sentimentos de impotência, desmotivação e tristeza para o exercício profissional. Atribuía tais problemas, frequentemente, a insatisfação com as condições atuais oferecidas para o exercício da profissão – baixa remuneração, dificuldade de diálogo com a direção, pais e demais professores, imaturidade e problemas de comportamento dos educandos.

Ao tomarmos contato com dados e estudos realizados por organizações e pesquisadores dedicados à análise da situação profissional do professor, notamos que a realidade na qual estávamos inseridos era semelhante à de outras instituições escolares.

Dentre esses organismos, Oliveira e Leite (2012) citam o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) que, em parceria com o Grupo Géia – instituição de consultoria de empresas e entidades de classe –, coordenou pesquisa desenvolvida em 2010, cujo objetivo principal foi o de realizar panorama da saúde dos profissionais da Rede Estadual de Ensino de São Paulo. Os dados levantados apontaram que mais de 40,0% dos docentes entrevistados apresentaram em ano anterior à pesquisa (2009), comprometimentos quanto à sua saúde mental. Os principais “distúrbios” verificados foram depressão (29,0%) e ansiedade (23,0%). Segundo a avaliação dos pesquisadores, esses dados colocam as doenças mentais como a maior responsável por afastamento laboral de professores devido a problemas de saúde.

Encontramos, também, dados disponibilizados pelo Departamento de Saúde do Servidor (DSS), órgão subordinado à Secretaria Municipal de Gestão e Desburocratização da cidade de São Paulo (SP). Esse organismo informou que, em

2009, houve quase 5 mil afastamentos de docentes da Rede Municipal de Ensino por causa de doenças mentais – quantidade equivalente a 10,0% do total de professores da citada rede de ensino (CAPITELLI, 2010).

Em 1998, a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) também realizou estudo, conjuntamente com pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB), cuja finalidade foi a de investigar a presença da Síndrome de *Burnout* (doença psíquica caracterizada por esgotamento físico e mental, decorrente da relação não saudável com o trabalho). Para dar medida do problema, dos 52 mil educadores de diferentes regiões do país investigados, cerca de 25,0% deles sofriam, na época, da referida síndrome. Na mesma pesquisa, evidenciou-se o desconhecimento dos médicos em relação a essa patologia prejudicando, assim, o estabelecimento de estratégias de diagnóstico para seu enfrentamento (CODO, 1999).

Tal ignorância, inclusive, foi confirmada pelo estudo de Batista et al. (2011), cuja intenção foi a de analisar o conhecimento de profissionais da área de saúde do município de João Pessoa (PB) sobre a referida síndrome: 75,0% desses profissionais a desconheciam, inclusive que esta era uma doença de trabalho, conforme classificação do Ministério da Saúde (BRASIL, 1999).

Além disso, os citados pesquisadores verificaram que mais de 80,0% nunca tinham feito um diagnóstico dessa patologia. Outro dado apontado referiu-se aos tipos de doenças mentais e o conseqüente motivo para afastamentos. Dos professores que foram diagnosticados com psicopatologia, houve grande incidência de sintomas depressivos e ansiosos, a saber: 41,0% apresentaram episódios depressivos; 8,3%, transtornos depressivos recorrentes; 14,8%, transtornos ansiosos, igual porcentagem de estresse grave e transtornos de adaptação; 4,2%, transtorno fóbico-ansioso; 2,6%, transtorno do humor e 1,6%, transtorno afetivo bipolar.

Dados esses números, os autores chegaram a alertar para a necessidade de se criar políticas públicas com relação à saúde mental dos docentes:

[...] é preciso que haja medidas de intervenção por parte das políticas públicas no sentido de valorizar o professor e cobrar maior eficiência no que se refere à avaliação de sua saúde. Essas medidas devem considerar uma realidade em que a saúde mental da categoria docente está comprometida, atingindo, conseqüentemente, seu desempenho no trabalho, suas relações pessoais e a qualidade de sua educação. (BATISTA et al., 2011, p. 434).

Tais observações vão ao encontro de trabalhos realizados por Delcor et al. (2004), Gasparini, Barreto e Assunção (2005, 2006), Goulart Júnior e Lipp (2008), Souza e Costa (2011) e Souza e Leite (2011). Esses pesquisadores investigaram a saúde mental dos educadores e as possíveis causas ambientais.

As queixas dos professores foram, entre outras, as seguintes:

- baixos salários;
- indisciplina dos estudantes;
- ações violentas praticadas por educandos e pais em relação aos docentes;
- sobrecarga de funções, como organização dos materiais da sala de aula, correções das lições e provas, elaboração das aulas, entre outras, sem o reconhecimento institucional de que essas ações fazem parte da profissão docente;
- ambiente físico inadequado, sobretudo as condições climáticas e o barulho provocado por estudantes, pessoal técnico-administrativo e, até mesmo, por outros professores da escola;
- ausência de materiais para o desenvolvimento – de maneira minimamente adequada – do processo de ensino e aprendizagem;
- jornada dupla de trabalho (às vezes, tripla);
- desvalorização social da profissão;
- falta ou dificuldade de diálogo com a direção e a coordenação da escola;
- ausência de união entre os educadores.

Não podemos deixar de destacar o fato de o trabalho docente, na atualidade, ser considerado uma profissão de risco e, por conseguinte, com maior probabilidade de adoecimento e afastamento, conforme apontou o relatório da Organização Internacional do Trabalho (1984)<sup>3</sup>. É uma atividade que exige adaptação constante do profissional que a executa, pois demanda lidar frequentemente com pessoas, sobretudo com aquelas que estão em processo de desenvolvimento físico e psicológico<sup>4</sup>.

A esse propósito, em pesquisa acerca das condições de trabalho e seus efeitos sobre a saúde dos professores da rede municipal de ensino de Belo Horizonte (MG), Gasparini, Barreto e Assunção (2005) verificaram que os

---

<sup>3</sup> Trata-se do primeiro relatório, encontrado por nós, feito por esse organismo cujo teor caracterizou como risco a profissão docente. Informamos que não identificamos documentos mais recentes que tenha feito menção a esse aspecto. De qualquer forma, julgamos que a situação não se modificou.

<sup>4</sup> Isso não significa que esse processo é uma prerrogativa da docência. Todavia, a velocidade demandada de adaptação é, a nosso ver, maior.

afastamentos de professores, por problemas de saúde, relacionavam-se à saúde mental. Nesse mesmo estudo, eles citaram pesquisas realizadas em outros países (por exemplo, a de PITHERS; FOGARTY, 1995) que apontaram a incidência maior de doenças mentais entre docentes do que a verificada na média geral da população.

Informamos que o sofrimento psíquico, além de gerar desilusão e desmotivação, também pode acabar produzindo complicações físicas.

A esse propósito, Giannini, Latorre e Ferreira (2013) e Souza et al. (2011), ao analisarem os fatores associados à patologia de pregas vocais em docentes, constataram que transtornos mentais favorecem a incidência de complicações no aparelho fonador. Ceballos e Santos (2015), ao estimarem a prevalência de dor musculoesquelética em professores, encontrou, também, associação entre esse problema de saúde e a presença de adoecimento psíquico.

Ainda sobre a alta incidência de doenças mentais entre os professores, as pesquisas realizadas no Brasil evidenciaram que o comprometimento da saúde mental desses profissionais, impedia de eles ministrarem aulas em escolas públicas e/ou particulares. Tanto é que Delcor et al. (2004), ao realizarem um estudo junto aos professores da rede particular de ensino do município de Vitória da Conquista (BA), verificaram que mais de 40,0% dos docentes apresentavam alguma doença mental. Isso os levou a concluir que, independente da faixa social que os estudantes estejam inseridos, ou da estrutura física e econômica da escola, os professores exercem sua profissão num contexto de alta demanda psicológica e física, sem o retorno adequado – tempo gasto de locomoção para ministrar aulas, carga horária excessiva, baixos salários, condições de infraestrutura precárias para o desempenho profissional, desprestígio social, entre outros.

Outro motivo que nos levou a tecer a propositura sobre a ansiedade e a depressão entre os docentes, decorreu do fato de termos verificado que o trabalho desenvolvido por tais profissionais, quando doentes, compromete a ação educativa, pois interfere diretamente na relação professor-educando, conforme apontou Pedro-Silva (2005), entre outros estudiosos dedicados à investigação da relação ensino-aprendizagem.

Goulart Júnior e Lipp (2008) apresentaram raciocínio semelhante, chegando, inclusive, a conjecturar que esse é um dos motivos para que os estudantes abandonem a escola:



A presença de quadro sintomatológico de ordem psicológica, provavelmente, esteja influenciando negativamente as relações interpessoais que as professoras devem estabelecer com a comunidade escolar, com destaque para aquelas que devem manter com o corpo discente da escola. Deve-se ressaltar que o relacionamento adequado entre professor e aluno é condição essencial para o sucesso da relação ensino-aprendizagem, principalmente nos primeiros ciclos acadêmicos, ou seja, no Ensino Fundamental. (GOULART JÚNIOR; LIPP, 2008, p. 856).

Diante desse quadro, podemos ser levados a crer que o trabalho docente é uma atividade predestinada ao fracasso e ao adoecimento. No entanto, mesmo com todas as adversidades encontradas no ambiente escolar, não se pode negar que o perfil do educador é um dos fatores garantidores do processo educativo. E, neste, deve haver a capacidade de lidar e superar adversidades (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005; GOULART JÚNIOR; LIPP, 2008; SOUZA; LEITE, 2011).

Para esses autores, como apontamos, o sofrimento psíquico é desencadeado por dificuldades de adaptação, além das questões levantadas anteriormente. Para Goulart Júnior e Lipp (2008), o desequilíbrio ocorre quando nossa capacidade de adaptação não acompanha a velocidade das transformações, ocasionando situações de conflito e de *stress*. Apesar de não negarem que algumas profissões colocam o funcionário em situações mais estressoras – e o magistério, devido a sua prática dinâmica, insere o professor em constantes situações potenciais de desequilíbrio – os estudiosos disseram que não se podem atribuir as causas apenas aos fatores externos. Eles advogam que os internos também influenciam na execução do trabalho educativo. Amparam-se, para fazer essa afirmação, na noção de que algumas pessoas – pela sua história de vida reconstruída – são mais vulneráveis psicologicamente.

Além disso, observamos – por meio de nossa experiência profissional – a procedência desse raciocínio. Nos atendimentos de pacientes jovens adultos que realizamos em ambulatório público de saúde mental, verificamos que a maioria apresentou quadro de depressão e de transtorno de ansiedade. Pois bem, quando instigados a expor suas pretensões profissionais, era comum eles manifestarem o interesse em cursar Pedagogia. Apresentavam como justificativas, entre outras:

- a) o baixo custo financeiro para a realização de tal curso;
- b) a grande oferta de trabalho remunerado;
- c) a maior possibilidade de estabilidade financeira e profissional e
- d) por julgarem ser um curso “mais fácil”.

Apesar de não termos encontrado estudos que relacionassem uma proporção maior de pessoas com depressão e/ou ansiedade e o exercício profissional ligado à Pedagogia, ao compará-lo com outras carreiras, podemos supor que muitos dos aspirantes a professor não se encaixam no perfil esperado de um educador, a saber: acentuado equilíbrio emocional e físico (GOULART JÚNIOR; LIPP, 2008).

Para Souza e Leite (2011), é a capacidade de resiliência do docente, isto é, seu poder de adaptação diante de adversidades, que garantirá a manutenção de sua saúde psíquica. E, por conseguinte, é exatamente esse um dos aspectos que possibilita o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

[...] o sofrimento [psíquico] possui uma dimensão dinâmica que enseja um esforço criativo de transformação. Nesse sentido, o trabalhador não é um receptor passivo de agentes provocadores de doença, mas participativo desse processo, desenvolvendo um papel importante na produção de sistemas defensivos. Esse esforço, de caráter individual ou coletivo, pode tanto criar melhores condições para que os profissionais preservem sua saúde, mesmo em condições bastante adversas, como ser explorado pela organização em proveito da produtividade, provocando mais sofrimento psíquico. (SOUZA; LEITE, 2011, p. 1.108).

Resumindo, os estudos parecem apontar que tanto fatores externos quanto internos têm contribuído para o adoecimento psíquico dos docentes. Afinal, mesmo que o professor tenha alta capacidade de resiliência, os fatores ambientais podem levá-lo a adoecer. Tal raciocínio é semelhante ao feito por La Taille (2002), Pedro-Silva (2002) e Piaget (1932/1994) em relação às condutas éticas e morais.

Explicamos: os julgamentos alheios exercem influência considerável na determinação das condutas, até mesmo em sujeitos julgados “autônomos” – a não ser que eles sejam heróis –, como assinalou Flanagan (1991/1996). Deste modo, ao pertencer a um grupo, o indivíduo levará em conta os valores estimados nesse espaço para a construção de sua autoimagem. Assim, a manutenção e o fortalecimento de sua identidade dependerão de tais valores. Para Pedro-Silva (2002), sem essa subordinação, provavelmente os seres humanos deixariam de existir como sujeitos (seres civilizados). É exatamente essa a tese que Taylor (1989) parece defender quando faz considerações sobre o papel determinante da dignidade nas condutas morais e a de Audard (1993, apud LA TAILLE, 2000, p. 38) sobre o ser autônomo: “é preciso ser herói para continuar acreditando no próprio valor quando as marcas exteriores do reconhecimento social desaparecem”.

Eis o que Piaget (1954 apud LA TAILLE, 2000, p. 38-39, grifos nossos) diz a respeito:

Para o adulto, desprezar os juízos de outrem é quase impossível. Poderíamos pensar na situação na qual se encontraram muitos grandes homens cuja obra foi incompreendida durante muito tempo, pintores, músicos que não tinham audiência do público. Mas percebemos que, quando prosseguiram suas obras, em realidade sempre havia em torno deles um pequeno grupo de pessoas íntimas sobre as quais eles podiam se apoiar, um ou dois indivíduos de elite que ocupavam o lugar da opinião geral, que eram os juízes dos quais necessitavam e que representavam a aprovação de outrem; *a aprovação é algo essencial de que o homem tem enormes dificuldades de abrir mão.*

O que garante nosso equilíbrio, portanto, varia em função de aspectos relacionados ao “clima cultural geral” (o meio), expressão construída por Adorno et al. (1950 apud ROUANET, 1989) para se referirem ao fato de os sujeitos autoritários manifestarem condutas democráticas ou vice-versa. Este clima consiste

[...] particularmente na influência ideológica pela qual o *media* [meios de comunicação de massa] modelam a opinião pública. Se o nosso clima cultural foi padronizado sob o impacto do controle social e da concentração tecnológica a um grau sem precedentes, podemos esperar que os hábitos de pensamento dos indivíduos reflitam essa padronização, da mesma forma que refletem a dinâmica de sua própria personalidade. Tais personalidades podem, na verdade, ser produtos dessa padronização [ao invés da personalidade de tais sujeitos]. (ADORNO et al., 1950 apud ROUANET, 1989, p. 175-176).

Nesse sentido, indagamos: será que os professores, mesmo os que apresentam alta capacidade de resiliência, não estão adoecendo por conta do clima cultural geral que enfatiza o individualismo e a obtenção de *status* social e financeiro a qualquer custo? O que mudou na relação trabalho-trabalhador, a ponto de levar ao adoecimento, à corrosão do caráter e ao empobrecimento das relações interpessoais, até com familiares e amigos íntimos?

Diante desse cenário é que está sendo praticado o ensino hoje, isto é, a escola não é vista como um lugar seguro e acolhedor por aqueles que constituem sua população. Além disso, parte significativa dos professores não tem conseguido lidar com as dificuldades (parte delas) inerente ao seu ofício, bem como criar estratégias individuais ou coletivas para resoluções de conflitos.

Tal situação, por conseguinte, acaba por gerar adoecimento e desmotivação para o exercício da docência. Dessa forma, a experiência escolar é prejudicada,

tanto na concretização do processo de ensino e aprendizagem quanto na de estabelecimento de relações interpessoais e na produção e/ou obediência a valores éticos e morais.

Sublinhamos: é quase consenso que uma educação ético/moral não é possível, apenas, com aplicação de aulas expositivas sobre o tema (ANDRADE, 2010). Assim como La Taille (2005), para que seja “despertado” no educando o interesse por valores como igualdade, generosidade, respeito mútuo e justiça, acreditamos que a instituição escolar deve vivenciar esses valores. Todavia, um professor adoecido, provavelmente terá dificuldade para concretizá-los, mesmo que os tenham construídos e sejam dignos de admiração. Pelo contrário! O que os estudantes acabam presenciando são situações de insubordinação, inimizades, ofensas e individualismos por parte dos profissionais frente a seus colegas e superiores.

Com o adoecimento dos docentes, a nosso ver, a escola como um todo adoce e sua função social acaba não se concretizando – a formação de cidadãos para viverem em um regime democrático. É nesse contexto que se insere o nosso estudo acerca do adoecimento dos educadores.

Considerando tais aspectos, com a presente pesquisa – como se verá adiante – verificamos os níveis de ansiedade e de depressão em tais profissionais. Igualmente, a) analisamos se os referidos níveis são dependentes de fatores factuais (idade, tempo de exercício profissional no magistério, situação conjugal, espiritualidade, escolaridade, entre outros); b) traçamos o perfil sociodemográfico e profissional dos docentes da rede de ensino estadual do município de São José dos Campos (SP); c) averiguamos e analisamos o grau de satisfação que os educadores tinham acerca de seu trabalho e a relação deste com seus níveis de ansiedade e de depressão; d) aferimos se havia relação entre os níveis de ansiedade e de depressão dos professores e o tipo de escola que ministravam aulas (instituição de ensino integral, meio período, Anos Iniciais e Finais do Fundamental e Médio); e) verificamos a proporção de docentes que estavam em uso de medicação, com função psicotrópica, e atendimento psicoterápico.

Diante disso, no primeiro capítulo discorreremos sobre evolução dos processos de trabalho ao longo da história, culminando com os desafios encontrados atualmente. Nesta parte, apresentamos a fundamentação teórica da pesquisa, que

teve como principal norteador os estudos de Sennett (2004; 2006; 2009; 2015) sobre o trabalho na contemporaneidade.

No segundo capítulo, apresentamos a revisão bibliográfica sobre a saúde do professor. Foi nossa pretensão verificar os trabalhos realizados sobre a saúde mental do docente, independentemente do referencial teórico adotado.

O terceiro capítulo foi dedicado à abordagem da ansiedade e da depressão. Nesse momento, definimos esses transtornos, com base na 10ª Revisão do Código Internacional de Doenças (CID-10). Além disso, refletimos sobre os fatores determinantes para a incidência das citadas patologias.

O quarto capítulo é reservado à metodologia empregada no presente estudo. Neste, explicamos a escolha da amostra, os instrumentos utilizados para a investigação e os procedimentos adotados para a coleta e a análise das informações (dados).

No quinto e no sexto capítulos, apresentamos e analisamos os frutos obtidos com o trabalho de campo. Primeiramente, apontamos os resultados e, em seguida, buscamos articulá-los com a revisão bibliográfica e os estudos de Sennett (2004; 2006; 2009; 2015).

Por fim, no sétimo capítulo expomos as conclusões e as considerações finais.

Esperamos, com isso, contribuir para o preenchimento de lacuna existente na literatura sobre a saúde mental dos professores, além de colaborar para o estabelecimento de políticas destinadas ao cuidado da saúde psíquica desses profissionais.

## **VII - CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS**

*Aos professores, fica o convite para que não descuidem de sua missão de educar, nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar as pessoas para serem “águias” e não apenas “galinhas”. Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda.*  
Paulo Freire (1921-1997)

Como apontamos, a presente pesquisa começou a ser tecida em 2003 por ocasião do nosso ingresso no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Campus de Assis. Após a graduação, realizamos nossa carreira profissional na área de educação e de saúde mental, onde pudemos amadurecer a ideia de estudar o processo de subjetivação e de adoecimento psíquico no qual os professores estavam inseridos. Por fim, retornamos a academia para darmos um encerramento às inquietações geradas nesses anos de atuação e estudo. Compartilhamos agora com o leitor os frutos dessa jornada.

Em síntese, com a nossa investigação, chegamos às seguintes conclusões:

a) com relação à ansiedade e à depressão, a maioria dos professores (58,0%) apresentou pelo menos um desses sintomas em algum nível prejudicial para a qualidade de vida – leve, moderada ou grave;

b) houve correlação moderada entre as duas patologias investigadas. Ou seja, a incidência de uma (ansiedade ou depressão) aumentava a chance no sujeito de apresentar sintomatologia da outra;

c) alguns grupos se mostraram mais propensos a apresentar sintomas de depressão. Foi o caso dos que possuíam apenas um filho e os que tinham mais de uma graduação acadêmica. Com relação aos que apresentaram os dois sintomas – ansiedade e depressão –, ocorreu entre os sujeitos que disseram não ter religião, os que trabalhavam em apenas uma escola e os que estavam em uso de remédio com função psicotrópica;

d) a maior parte dos educadores (em torno de 60,0%) utilizou, em algum momento da vida, medicação para lidar com queixas ligadas à área da saúde mental. Atualmente, 20,6% ainda faz uso de medicamentos psicotrópicos. No entanto, destes, apenas 3,1% dos questionados eram acompanhados por médico psiquiatra;

e) com relação à psicoterapia, 35,0% já se submeteu a este serviço, mas somente 3,7% estavam em tratamento na época da coleta dos dados do presente estudo;

f) baseado no grau de satisfação dos professores, elencamos os elementos que os docentes mais desaprovaram na sua atividade profissional. Eles criticaram a falta de interesse dos pais/responsáveis (84,1%), a remuneração (71,1%), a motivação dos estudantes (70,2%), a ausência de respeito dos educandos para com eles (67,5%), o tempo para o preparo das aulas (66,2%), os materiais pedagógicos (59,4%), o desrespeito dos pais/responsáveis (51,6%), o tempo disponível para transmitir o conteúdo programático em sala de aula (51,3%), a estrutura física inadequada da escola (40,6%), o descomprometimento dos professores e demais funcionários (31,5%), a ausência de companheirismo entre os professores (28,1%); e a falta de diálogo com a direção e a coordenação pedagógica (24,5%);

g) aqueles que apresentaram níveis maiores de ansiedade ou de depressão mostraram-se mais insatisfeitos em praticamente todos os aspectos investigados (estruturais, materiais, interpessoais, pecuniários e tempo para a rotina de trabalho);

h) Houve predomínio de docentes cuja realização profissional estava aquém de suas expectativas (51,2%). Esse grupo apresentou níveis de ansiedade maiores quando comparados com os docentes que disseram estar satisfeitos com o seu trabalho.

A seguir, resgatamos e fizemos considerações acerca das ideias e dos problemas levantados ao longo do estudo – formulados com base na literatura utilizada e em nossa experiência profissional.

Ao pensarmos sobre a importância da saúde mental para a concretização da prática do magistério, bem como os seus reflexos no processo de ensino-aprendizagem e no estabelecimento de vínculos na escola, verificamos que adoecimento psíquico influencia nessas questões. O profissional depressivo ou ansioso apresenta visão mais negativa referente ao seu trabalho e possui mais dificuldade em se relacionar com as demais pessoas. Essa constatação está de acordo com o que inicialmente acreditávamos e foi confirmada com os dados obtidos.

Também ratificamos que o mundo do trabalho docente apresenta deficiências que contribuem negativamente na qualidade psíquica dos educadores. Há pouca



variedade de material pedagógico para auxiliá-los no processo de ensino-aprendizagem; dificuldades de diálogo e de “despertar”<sup>17</sup> motivação junto aos estudantes e seus responsáveis; salário insatisfatório; e tempo que não comporta suas obrigações (profissionais e pessoais). Tal realidade fez com que houvesse prevalência de professores decepcionados com a carreira, tendo em conta as expectativas que eles almejavam ao terem se formado em Pedagogia e/ou em algum curso de Licenciatura.

No entanto, nem todas as queixas foram confirmadas, costumeiramente encontradas em estudos sobre o tema. Ao contrário do apregoado, os educadores, em sua maioria, possuíam bom relacionamento entre si e acreditavam que há, sim, esforço de todos para que a escola funcione bem. Talvez as estratégias adotadas não estejam surtindo os resultados esperados, mas existe o desejo que as coisas deem certo. Outro aspecto, a nosso ver, pertinente se refere à confiança que tais profissionais nutriam pela equipe gestora de suas unidades de ensino. Esse foi o ponto melhor avaliado entre os inquiridos. Apesar das limitações de ferramentas disponíveis para o processo educativo, quando analisado a estrutura física da escola (salas de aulas, espaços de circulação de pessoas, biblioteca, laboratório etc.) notamos que esta se mostrou adequada na percepção dos mestres.

Posto isso, alguns desses elementos abordados são influenciados diretamente pelo investimento governamental, como os fatores materiais, estruturais (físico) e pecuniários. Todavia, outros demandam análise mais aprofundada, no qual devemos levar em conta o campo transubjetivo<sup>18</sup> que os participantes estão inseridos, ou seja, a cultura brasileira em voga e a estrutura econômica – no caso, a capitalista pós-industrial e emergente.

Para tanto, iremos retomar nossa indagação principal, apresentada na Introdução do manuscrito: será que os professores, mesmo os que apresentam alta capacidade de resiliência, não estão adoecendo por conta do clima cultural geral que enfatiza o individualismo e a obtenção de *status* social e financeiro a qualquer custo? O que mudou na relação trabalho-trabalhador, a ponto de levar ao

---

<sup>17</sup> Colocamos o termo despertar entre aspas porque, segundo a psicanálise e o construtivismo, a motivação e interesse são dependentes dos docentes, dos conteúdos, da metodologia de ensino empregada e, sobretudo, das estruturas de assimilação do sujeito ou do inconsciente cognitivo e afetivo. Sobre o assunto, sugerimos a leitura do texto “Inconsciente afetivo e inconsciente cognitivo” (PIAGET, s.d./1983, p. 226-241).

<sup>18</sup> Transubjetivo é o espaço de subjetivação decorrente da cultura que o sujeito está inserido (KAES, 2010).

adoecimento, à corrosão do caráter e ao empobrecimento das relações interpessoais, até com familiares e amigos íntimos?

Referente ao enunciado, um dado é percebido: até docentes excelentes estão apresentando sintomas de ansiedade e de depressão elevados. Dessa forma, descartamos a hipótese de que o adoecimento encontrado nos sujeitos da pesquisa seja decorrente da falta de capacitação técnica para lidar com a dinâmica escolar. Outro ponto que reforça nosso pensamento: o grupo de participantes foi formado majoritariamente por educadores experientes.

Feito esta observação, cremos que a contemporaneidade apresenta características que impactam tanto nos corpos quanto na mente dos profissionais. Referimo-nos à sensação atual de que tudo é passageiro e descartável. Assim, nossos desejos mostram-se voláteis, condição que reflete na forma como consumimos informação, cultura, bens, serviços, entretenimento, entre outros. Conseqüentemente, as instituições vivem em constante processo de reengenharia para se adequar as demandas da sociedade, que mudam em velocidade nunca antes vivenciada.

É exigido do trabalhador que esteja sempre alerta para as mudanças do mercado, e mude junto com ele. Essa dinâmica trabalhista molda o sujeito, que transfere o comportamento flexível e adaptativo para o seu cotidiano. Por conseguinte, tudo é vivenciado com a noção de curta duração. Decorrencia: não há incentivo para fixar-se em algo – projetos, relacionamentos e emprego –, pois passam a ter validade limitada e efêmera.

O resultado é que – pelo menos nas nações capitalistas – o processo de subjetivação social a que o indivíduo é submetido o prepara para conseguir viver nessa correnteza sensorial. E para não se “afogar”, cada experiência é sentida, mas não contida, pois, ao se desvencilhar dela, abre-se espaço para um novo estímulo. Não que elas devam se tornar imutáveis, mas tais experiências não podem ser vivenciadas de maneira semelhante a do turista em passeio pela Europa que diz ter conhecido todas as suas grandes capitais em uma semana. Esse cenário nos faz ponderar se isso, de certa forma, não seria responsável pelo surgimento, atualmente, do grande número de crianças consideradas “hiperativas”. Afinal, tais sujeitos acabam apresentando baixa concentração e atenção, falta de foco, agitação, entre outros aspectos. São exatamente esses os sintomas desse modelo de sociedade líquida, efêmera e de curto prazo.

Outro problema encontra-se na impossibilidade de termos as nossas vontades saciadas, decorrente de nosso sistema econômico encorajar o consumo constante como forma de se manter funcionando. Um exemplo é a formação continuada feita pelos professores. Apesar de aumentar o salário e possibilitar que o docente almeje melhores cargos e posições na escola, ela não garante saúde mental. Ao contrário, foram estes profissionais que apresentaram mais sintomas de ansiedade e de depressão.

Destarte, a sociedade não nos estimula na formação de recursos psíquicos para lidar de forma prolongada e vincular com o mundo ao nosso redor. A consequência direta dessa situação é a fragilidade de nosso aparelho psíquico para lidar com circunstâncias em que seja necessário estabelecer algum tipo de laço – as relações pessoais são, em nossa opinião, as mais prejudicadas. E quando nossa mente não possui os mecanismos de defesa adequados para lidar com as situações de *stress*, adoecemos. Dessa maneira, não é surpresa para nós que o perfil daqueles que são diagnosticados com Síndrome de *Burnout* seja de trabalhadores que lidam diretamente com outras pessoas, como os profissionais do setor de educação, pois lhes faltam tempo e condições psíquicas para o aumento da resiliência.

Em suma, as informações expostas no começo do capítulo nos permitem confirmar nossa suspeita inicial, de que as doenças mentais fazem parte da realidade daqueles que optam por lecionar na Educação Básica da rede pública estadual. E é em meio a isso que está sendo praticado o ensino formal hoje. Acreditamos também que o adoecimento não acomete exclusivamente o docente. Quando ele está doente, a escola como um todo também adocece e o seu papel na formação de cidadãos acaba não se efetivando. No fim das contas, como um profissional poderá realizar seu trabalho corretamente se ele deixar de gostar dele devido ao desgaste que lhe aflige?

Ao utilizarmos o termo “adoecimento”, não nos referimos unicamente à presença de doenças psiquiátricas. Mais do que isso, nossa preocupação está na incapacidade que a escola hoje possui de oferecer estímulos ou auxiliar na formação do caráter e de vínculos duráveis. Sustentamos esta visão ao depararmos na fragilidade das relações estabelecidas entre os professores, educandos e familiares. Estes não estão conseguindo se respeitar, ou sequer ser enxergado pelo outro. Em

consequência, o processo de ensino-aprendizado é prejudicado e o prazer pelo trabalho realizado se esvai.

Não podemos deixar de pontuar que a escola se insere neste contexto como reflexo da própria sociedade. No capitalismo pós-industrial, a flexibilidade e a efemeridade dos laços – tanto no trabalho quanto na vida pessoal –, bem como a impossibilidade de construção de narrativas de longo prazo, criam um ambiente de subjetivação onde o imediatismo e o individualismo são palavras de ordem. Dessa forma, valores anteriormente estimados, como respeito mútuo, lealdade, confiança, e comprometimento deixam de ter espaço na contemporaneidade e, no seu lugar, passam a ser valorizadas a produtividade, a inovação, a eficiência e a versatilidade. E em um mundo de “cada um por si”, o homem que nele habita estará sempre em posição de vulnerabilidade psíquica, devido à ineficácia dos mecanismos de proteção que a população consegue produzir – isso quando consegue construí-los.

Dado esse quadro, consideramos urgente a implantação de política educacional que leve em conta a saúde psíquica dos educadores e promova ações que possam prevenir e/ou remediar a ocorrência de doenças dessa natureza, mediante o oferecimento de atendimento psicológico a esses profissionais. É inadmissível que a sociedade continue a ver o professor como alguém que não apresenta problemas de ordem psíquica. Dificilmente a prática docente, nesses tempos de rápidas e constantes mudanças, poderá lograr sucesso, sem o oferecimento de condições adequadas para que os docentes possam exercer, com qualidade, a sua profissão.

Em acréscimo, julgamos imprescindível a realização de novos estudos, com uma população numericamente maior, em cidades de grande porte e com o emprego de outros instrumentos de averiguação, como a Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão (BODEGA et al., 1995). Como salientamos na revisão de literatura, são escassos os estudos científicos realizados tendo como foco os transtornos que investigamos.

Dentre todas as ramificações possíveis, decorrentes desta pesquisa, a que nos gerou maior interesse seria uma investigação mais aprofundada sobre o processo de subjetivação ocorrido dentro das escolas de regime integral, que o governo federal e do Estado de São Paulo estão implementando em várias cidades.

Por ser composta por um corpo docente altamente qualificado, esta população mostra-se mais receptiva a participar de estudos, além de apresentar

grande capacidade de autoavaliação. No entanto, não apenas pela maior facilidade de adesão recai nosso interesse. Apesar de louvável a proposta de formação de uma escola de excelência pública, em nossas averiguações nós constatamos que o preço pago nesse processo, pelos educadores, é elevado. Afinal, as cobranças e as incertezas de permanência nessas instituições – pois, estes são avaliados semestralmente – criam as rotinas de trabalho que mais se assemelham as criticadas por Sennett (2004; 2006; 2009; 2015), dado o fato de elas adoecerem os trabalhadores. E esse sistema já está gerando “vítimas”.

Em suma, como escrevemos no início da presente pesquisa, o caminho para transformarmos a escola em um ambiente de promoção de saúde mental ainda é longo. Fazemos essa colocação devido à constatação que se segue.

Talvez, o dado mais significativo do estudo seja o reconhecimento que, devido à efemeridade das relações, a velocidade e excesso de estímulos que devemos dar conta diariamente, vivemos atualmente em uma sociedade onde as pessoas estão no “limite” de suas reservas psíquicas. Ao refletirmos sobre as fontes de esgotamento mental, julgamos que nada exige mais de nossas energias do que lidar com outro ser humano, devido, entre outras coisas, aos afetos e aos sentimentos gerados nessas relações. Posto isto, o Magistério pode ser considerado como uma das carreiras mais desgastantes psicologicamente, com o agravante que o docente já não possui hoje a reserva energética que outrora os mestres de antigamente dispunham para a execução de seu trabalho.

Contudo, cremos ser possível a melhora dessa realidade, se o professor pegar para si o protagonismo de sua narrativa e for capaz de estabelecer diálogos com todos que habitam seu espaço de trabalho. A nosso ver, é imprescindível que a escola desenvolva programas que tragam os familiares dos estudantes para esse ambiente. A elaboração de festas e movimentos culturais onde os responsáveis possam ajudar na elaboração e na execução, bem como, incentivo à formação de associações mistas, compostas por educadores, pais e educandos, são exemplos encontrados em algumas realidades. Com relação ao contato em sala de aula, pensamos que seria melhor nos primeiros dias, ao invés de trabalhar o conteúdo programático obrigatório, fosse ministradas atividades de integração entre o grupo. Outra estratégia seria a criação de assembleia de estudantes, possibilitando um novo canal de comunicação entre as partes. A própria equipe gestora pode ter papel nessa transformação, elaborando ações junto aos docentes que auxiliassem na

percepção de sua importância na vida dos educandos. No campo das políticas públicas há a necessidade de uma mudança de mentalidade que priorize no programa curricular a qualidade, ao invés da quantidade. A nosso ver, o papel principal da educação, antes de tudo, deveria ser o de formar cidadãos, e não o de ativos para o mercado.

É certo que são intervenções que deram certo em algumas unidades escolares e não em outras. Talvez se deva porque lidamos com seres humanos e, assim como a realidade, ambos estão em constante processo de transformação, além de os estudantes e os educadores subjetivarem de maneira diferente essas estratégias.

Nesse cenário, a saúde individual de seus atores só será possível com a garantia da saúde coletiva. No fim das contas, nada nos protege mais do que o estabelecimento de vínculos saudáveis.

## **REFERÊNCIAS**

ABRANCHES, S. S.; MUROFUSE, N. T.; NAPOLEÃO, A. A. Reflexões sobre estresse e burnout e a relação com a enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 255-261, mar./abr. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692005000200019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000200019&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 mar. 2016.

ADORNO, T. W. et al. **The authoritarian personality**. Nova Iorque: Harper & Row, 1950.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. (1944). **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

ALVES, M. G. M. et al. Versão resumida da “job stress scale”: adaptação para o português. **Revista Saúde Pública**, v. 38, n. 2, p. 164-171, 2004.

ANDRADE, M. A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 43, p. 109-125, jan./abr. 2010.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando: introdução à filosofia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

AROS, M. S.; YOSHIDA, E. M. P. Estudos da depressão: instrumentos de avaliação e gênero. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 59, n. 130, p. 61-76, jun. 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432009000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432009000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 27 maio 2016.

AUDARD, C. (Org.). **Le respect. De l'estime à la déférence: une question de limite**. Paris: Éditions Autrement, 1993.

BALDAÇARA, L. et al. Common psychiatric symptoms among public school teachers in Palmas, Tocantins, Brazil. An observational cross-sectional study. **São Paulo Medical Journal**, São Paulo, v. 133, n. 5, p. 435-438, out. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151631802015000500435&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151631802015000500435&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 fev. 2016.

BATISTA, J. B. V. et al. Síndrome de Burnout: confronto entre o conhecimento médico e a realidade das fichas médicas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 3, p. 429-435, jul./set. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722011000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000300010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 mar. 2016.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

\_\_\_\_\_. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BECK, A. T. et al. An inventory for measuring depression. **Archives of General Psychiatry**, v. 4, n. 6, p. 561-571, 1961.



BECK, A. T. et al. An inventory for measuring clinical anxiety: psychometric properties. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 56, n. 6, p. 893-897, 1988.

BERNARDO, A. Preconceito, agressividade e desconfiança: como é ser ateu no Brasil. **BBC Brasil**, Rio de Janeiro. 06 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37640191>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

BERTOLAZI, A. N. **Tradução, adaptação cultural e validação de dois instrumentos de avaliação do sono**: escala de sonolência de Epworth e índice de qualidade de sono de Pittsburgh. 2008. 93 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14041/000653543.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

BÍBLIA. Gênesis. **Bíblia Online**. Gênesis 3, ver. 19. Disponível em: <<https://www.biblionline.com.br/acf/gn/3>>. Acesso em: 06 mar. 2016.

BODEGA, N. J. et al. Transtornos do humor em enfermagem de clínica médica e validação de escala de medida (HAD) de ansiedade e depressão. **Revista de Saúde Pública**, v. 29, n. 5, p. 355-363, 1995.

BORDIN I. A. S.; MARI J. J.; CAEIRO M. F. Validação da versão brasileira do Child Behavior Checklist (CBCL) (Inventário de comportamentos da Infância e Adolescência): dados preliminares. **Revista ABP-APAL**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 55-66, 1995.

BORGES, L. O.; ARGOLO, J. C. T. Adaptação e validação de uma escala de bem-estar psicológico para uso em estudos ocupacionais. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 17-27, 2007.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, dez. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 29 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Lei nº 12796, de 04 de abril de 2013. Brasília, abr. 2013. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm)>. Acesso em: 29 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Portaria nº 1339/GM em 18 de novembro de 1999. Brasília, nov. 1999. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1999/prt1339\\_18\\_11\\_1999.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1999/prt1339_18_11_1999.html)>. Acesso em: 05 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, dez. 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/reso466.pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2017.

BRITO, G. S.; PURIFICAÇÃO, I. **Educação e novas tecnologias**. 2. Ed. Curitiba: Ibpex, 2008.

BRUM, L. M. et al. Qualidade de vida dos professores da área de ciências em escola pública no Rio Grande do Sul. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 125-145, jun. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462012000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462012000100008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 fev. 2016.

CAPITELLI, M. Transtorno mental afeta mais professores. **O Estado de São Paulo**, São Paulo. 11 jul. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,transtorno-mental-afeta-mais-professores-imp-,579869>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

CARRARO, M. M. **Condições de trabalho e transtornos mentais comuns em professores da rede básica municipal de ensino de Bauru-SP**. 2015. 103 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Botucatu, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/131936>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

CASTRO, M.; CHOUCAIR, G. Brasileiro gasta R\$ 1,8 bi com antidepressivos e estabilizadores de humor. **Estado de Minas**, Belo Horizonte. 26 jan. 2012. Disponível em: <[http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2013/01/26/internas\\_economia,346135/brasileiro-gasta-r-1-8-bi-com-antidepressivos-e-estabilizadores-de-humor.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2013/01/26/internas_economia,346135/brasileiro-gasta-r-1-8-bi-com-antidepressivos-e-estabilizadores-de-humor.shtml)>. Acesso em: 14 out. 2016.

CEBALLOS, A. G. C.; SANTOS, G. B. Fatores associados à dor muscoesquelética em professores: aspectos sociodemográficos, saúde geral e bem-estar no trabalho. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 702-715, jul./set. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415790X2015000300702&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415790X2015000300702&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 fev. 2016.

CHOR, D. et al. The brazilian version of the effort reward imbalance questionnaire to assess job stress. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 219-224, 2008.

CICONELLI, R. M. et al. Tradução para língua portuguesa e validação do questionário genérico de avaliação de qualidade de vida SF-36 (Brasil SF-36). **Revista Brasileira de Reumatologia**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 143-150. 1999.

CODO, W. (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Rio de Janeiro: Vozes. 1999.

CODO, W; VASQUES-MENEZES, I. O que é burnout? In: CODO, W. (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Rio de Janeiro: Vozes. 1999.

COELHO, L. V. M. Competência emocional em professores: contributos da psicoeducação. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n. 8, p. 16-24, dez. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S164721602012000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S164721602012000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 23 fev. 2016.

COMPARATO, F. K. **A afirmação histórica dos direitos humanos**. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

CORTELLA, M. S.; LA TAILLE, Y. **Nos labirintos da moral**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

COSTA, L. S. T. **Avaliação da síndrome de Burnout em professores universitários de Piracicaba-SP**. 2014. 84 f. Tese (Doutorado em Odontologia) – Faculdade de Odontologia de Piracicaba, Universidade Estadual de Campinas, Piracicaba, 2014.

COSTA, L. S. T. et al. Prevalência da Síndrome de *Burnout* em uma amostra de professores universitários brasileiros. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 26, n. 4, p. 636-642, dec. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722013000400003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000400003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 fev. 2016.

CUNHA, J. A. **Manual da versão em português das Escalas Beck**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DELCOR, N. S. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 187-196, jan./fev. 2004. Disponível em: <[http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2004000100035&lng=en&nrm=iso](http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000100035&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 mar. 2016.

DEJOURS, C. (1987). **A loucura do trabalho**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

ELIAS, M. A. **Equilibristas na corda bamba: o trabalho e a saúde de docentes do ensino superior privado em Uberlândia/MG**. 2014. 181 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

FARIAS, T. F. **Voz do professor: relação saúde e trabalho**. 2004. 158 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2004.

FERREIRA, L. P. et al. Distúrbio da voz relacionado do trabalho: proposta de um instrumento para avaliação de professores. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 127-137, abr. 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/viewFile/11884/8601>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

FERREIRA, M. C. Inventário de depressão Beck. **Boletim CEPA**, p. 25-32, 1997.

FERREIRA, R. C. et al. Transtorno mental e estressores no trabalho entre professores universitários da área da saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 1, p. 135-155, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>

scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1981-77462015000400135&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 fev. 2016.

FERREIRA-COSTA, R. Q. et al. O uso do RPG na escola como possível auxiliar pedagógico. In: PINHO, S. Z.; SAGLIETTI, J. R. C. (Org.). **Núcleo de Ensino da Unesp Artigos de 2005**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007, v. 1, p. 767-776.

\_\_\_\_\_. O role playing-game (RPG) como ferramenta de aprendizagem no Ensino Fundamental e Médio. In: PINHO, S. Z. (Org.). **Núcleo de Ensino da Unesp Artigos 2006**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008, v. 1, p. 108-120.

FERREIRA-COSTA, R. Q.; PEDRO-SILVA, N. Estudo sobre o adoecimento psíquico naqueles que exercem a docência. In: XIII ENCONTRO DA PÓS-GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA: diálogos com a graduação, 2015, Assis. *Anais...* Assis: Unesp/Faculdade de Ciências e Letras, 2015.

FLANAGAN, O. (1991). Cognition morale: développement et structure profonde. In: \_\_\_\_\_. **Psychologie morale et éthique**. Paris: Puf, 1996. p. 213-237.

FLECK, M. P. A. et al. Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação de qualidade de vida "WHOQOL-bref". **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v. 34, n. 2, p. 178-183, 2000.

FREUD, S. (1886-1939). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1893-1895). **Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Como a ciência é vista em São Paulo. **Agência FAPESP**, 16 mar. 2015. Disponível em: <[http://agencia.fapesp.br/como\\_a\\_ciencia\\_e\\_vista\\_em\\_sao\\_paulo/20814/](http://agencia.fapesp.br/como_a_ciencia_e_vista_em_sao_paulo/20814/)>. Acesso em: 17 fev. 2017.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022005000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 12, p. 2.679-2.691, dez. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2006001200017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006001200017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 mar. 2016.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S. (Coord.). **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.

GIANNINI, S. P. P.; LATORRE, M. R. D. O.; FERREIRA, L. P. Factors associated with voice disorders among teachers: a case-control study. **CoDAS**, São Paulo, v. 25, n. 6, p. 566-576, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S231717822013000600566&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231717822013000600566&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 abr. 2016.

GIGLIO, S. B. **Estudo da ocorrência das queixas de insônia, de insônia excessiva diurnas e das relativas às parassonias na população adulta da cidade de São Paulo**. 1988. 159 f. Tese (Doutorado) – Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 1988.

GIL-MONTE, P. R.; CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. Validation of the Brazilian version of the “Spanish Burnout Inventory” in teachers. **Revista de Saúde Pública**, v. 44, p. 140-147, 2010.

GOLDBERG, D. **The detection of psychiatric illness by questionnaire**. London: Oxford University Press, 1972.

GOLDBERG, D.; HUXLEY, P. **Common mental disorders – a bio-social model**. 2nd ed. London: Tavistock/Routledge, 1993.

GOLEMAN, D. (1995). **Inteligência emocional**. Barcelona: Sic Idea y Creación Editorial, 2006.

GOMES, R. K.; OLIVEIRA, V. B. Depressão, ansiedade e suporte social em profissionais de enfermagem. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 63, n. 138, p. 23-33, jun. 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432013000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432013000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 17 out. 2016.

GOMES, S. M. **Sofrimento mental e satisfação no trabalho em professores de unidades prisionais em Porto Velho**. 2009. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

GOULART JÚNIOR, E. G.; LIPP, M. E. N. Estresse entre professoras do ensino fundamental de escolas públicas estaduais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 847-857, out./dez. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722008000400023&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400023&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 mar. 2016.

GRAIG, C. L. et al. International physical activity questionnaire: 12 – country reliability and validity. **Medicine and Science in Sports and Exercises**, Indianápolis, v. 35, n. 8, p. 1381-1395, 2003.

HENNINGEN, I. A contemporaneidade e as novas perspectivas para a produção de conhecimentos. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 29, p. 191-208, jul./dez. 2007.

HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. Rio de Janeiro: Labor, 1976.

HORWITZ, A. V.; WAKEFIELD, J. C. **A Tristeza Perdida**: como a psiquiatria transformou a depressão em moda. São Paulo: Summus, 2010.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2 ed. Porto: Porto, 2000, p. 31-61.

INOCENTE, N. J. **Síndrome de Burnout em professores universitários do Vale do Paraíba (SP)**. 2005. 219 f. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JACARANDÁ, E. M. F. **Sufrimento mental e satisfação no trabalho**: um estudo com professores das escolas inclusivas estaduais de ensino fundamental em Porto Velho, Rondônia. 2008. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

JACQUES, M. G. C. Abordagens teórico-metodológicas em saúde /doença mental & trabalho. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 97-116, jan./jun. 2003.

JUSTO, J. S. **Vidas Errantes**: políticas de mobilidade e experiências de tempo-espaço. Londrina: EDUEL, 2012.

KAES, R. **Um singular plural**: a psicanálise à prova do grupo. São Paulo: Loyola, 2010.

KARASEK, R. **Job Content Questionnaire user's guide**. Lowell: University of Massachusetts, 1985.

KARASEK, R et al. The Job Content Questionnaire (JCQ): an instrument for internationally comparative assessments of psychosocial job characteristics. **Journal of Occupational Health Psychology**, Washington, v. 3, n. 4, p. 322-355, 1998.

KARASEK, R.; THEORELL, T. **Healthy work-stress, productivity, and the reconstruction of working life**. New York: Basic Books; 1990.

KOPEZKY, W. A origem da progressão continuada. **Revista GGN**. 28 nov. 2012. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/a-origem-da-progressao-continuada>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

LA TAILLE, Y. **Vergonha, a ferida moral**. São Paulo, 2000. 192 f. Tese (Livro-Docência em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **Vergonha**: a ferida moral. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. A escola e os valores: a ação do professor. In: LA TAILLE, Y.; JUSTO, J. S.; PEDRO-SILVA, N. **Indisciplina/disciplina**. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 5-21.

\_\_\_\_\_. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

\_\_\_\_\_. **Formação ética**: do tédio ao respeito de si. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. Os novos instrumentos no contexto da pesquisa qualitativa. In: LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C.; Teixeira J. J. V. (Org.). **O discurso do sujeito coletivo**: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

LIMA, V. A. **Transtornos mentais comuns e o uso de álcool na população urbana de Botucatu-SP**: um estudo de co-morbidade e utilização de serviços. 2004. 146 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

LIPP, M. E. N. **Inventário de sintomas de stress para adulto de Lipp**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LYRA, G. F. D. et al. Sofrimento psíquico e trabalho docente – implicações na detecção de problemas de comportamento em alunos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 724-744, ago. 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S18084281201300020017&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18084281201300020017&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 23 fev. 2016.

MACAIA, A. A. S.; FISCHER, F. M. Retorno ao trabalho de professores após afastamentos por transtornos mentais. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 841-852, set. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902015000300841&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902015000300841&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 fev. 2016.

MALUF, T. P. G. **Avaliação de sintomas de depressão e ansiedade em uma amostra de familiares de usuários de drogas que frequentaram grupos de orientação familiar em um serviço assistencial para dependentes químicos**. 2002. 59 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2002.

MARANDA, M. F.; VIVIERS, S.; DESLAURIERS, J. S. A escola em sofrimento: pesquisa-ação sobre a situação de trabalho de risco para a saúde mental em meio escolar. **Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 141-151, 2014. Acesso em: <<http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/80643/84293>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

MARCOLINO, J. A. M. et al. Escala hospitalar de ansiedade e depressão: estudo da validade de critério e da confiabilidade com pacientes no pré-operatório. **Revista Brasileira de Anestesiologia**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 52-62, jan./fev. 2007.

MARI, J. J.; WILLIAMS, P. A. A study of a psychiatric screening questionnaire (SRQ-20) in primary care in the city of São Paulo. **British Journal Psychiatry**, v. 148, p. 23-26, 1986.

MARX, K. (1867). **O Capital**. São Paulo: Nova Cultura, 1996. Coleção Os Economistas.

MASLACH, C.; JACKSON, S. E. The measurement of experienced burnout. **Journal of Occupational Behaviour**, v. 2, p. 99-113, 1981.

\_\_\_\_\_. **Maslach Burnout Inventory**. Palo Alto: Consulting Psychological Press, 1986.

MAZZOLINI, B. P. M. Ser e aprender na contemporaneidade: modalidades, estilos ou idiomas pessoais de aprender? **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 14, n. 11, dez. 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-69542006000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542006000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 06 mar. 2016.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; LOTUFO-NETO, F.; KOENING, H. G. Religiosidade e saúde mental: uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 242-250, set./ago. 2006.

MOTA, V. M. C. **O exercício da docência e a preservação da saúde mental do professor**: um estudo a partir de suas condições de trabalho e existência. 2011. 131 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

NAKAMURA, E; SANTOS, J. Q. Depressão infantil: abordagem antropológica. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v. 41, n. 1, p. 53-60, fev. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102007000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102007000100008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27 maio 2016.

OLIVEIRA, G. N. M et al. Inventário de depressão de Beck (BDI) e escala de avaliação de depressão de Hamilton (HAM-D) em pacientes com epilepsia. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 60, n. 2, p. 131-134, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v60n2/08.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2016.

OLIVEIRA, L. R.; LEITE, J. R. O perfil da saúde dos educadores: evidenciando o invisível. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 6, n. 11, p. 463-477, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://esforce.org.br/index.php/semestral/article/view/221/409>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

OLIVER, J. M.; SIMMONS, M. E. Depression as measured by the DSM-III and the Beck Depression Inventory in an unselected adult population. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 52, p. 852-898, 1984.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **A condição dos professores**: recomendação internacional de 1966, um instrumento para a melhoria da condição dos professores. Genebra: OIT/Unesco, 1984.



ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde – CID-10**. Genebra: WHO-FIC, 2008. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm>>. Acesso em: 27 maio 2016.

\_\_\_\_\_. **Depression and other common mental disorders: global health estimates**. Genebra: World Health Organization, 2017. Disponível em: <<http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/254610/1/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf?ua=1>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Programme for international student assessment (PISA). Result from PISA 2015 – Brazil**. Paris: OECD, 2016. Disponível em: <<http://www.oecd.org/pisa/PISA-2015-Brazil.pdf>>. Acesso em 11 mar. 2016.

PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1985.

PAIS RIBEIRO, J. L. Mental health inventory: um estudo de adaptação à população portuguesa. **Psicologia, Saúde & Doença**, Lisboa, v. 2, n.1, p. 77-79, 2001.

PAPARELLI, R. **Desgaste mental do professor da rede pública de ensino: trabalho sem sentido sob a política de regularização de fluxo escolar**. 2009. 194 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PASQUALI, L. et al. **Questionário de saúde geral de Goldberg (QSG): adaptação brasileira**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

PASCHOAL, T.; TAMAYO, A. Construção e validação da escala de bem estar do trabalho. **Avaliação Psicológica**, v. 7, n. 1, p. 11-22, 2008.

PEDRO-SILVA, N. **Ética, indisciplina & violência nas escolas**. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Ética, (in)disciplina e relação professor-aluno. In: LA TAILLE, Y. de; PEDRO-SILVA, N.; JUSTO, J. S. (Org.). **Indisciplina/disciplina: ética, moral e ação do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 55-95.

PEREIRA, E. F. et al. Associação entre o perfil de ambiente e condições de trabalho com a percepção de saúde e qualidade de vida em professores de educação básica. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 113-119, jun. 2014a. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414462X2014000200113&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414462X2014000200113&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 fev. 2016

\_\_\_\_\_. Estresse relacionado ao trabalho em professores de Educação Básica. **Ciencia y Trabajo**, Santiago, v.16, n. 51, p. 206-210, 2014b. Disponível em: <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S071824492014000300013&lng=pt&tlng=.10.4067/S0718-24492014000300013](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S071824492014000300013&lng=pt&tlng=.10.4067/S0718-24492014000300013)>. Acesso em: 23 fev. 2016.

PEREIRA, J. A. **Trabalho docente e sofrimento mental**: um estudo em uma escola pública do Estado de São Paulo. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/127715>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

PIAGET, J. **Les relation entre l'affectivité et l'intelligence dans le développement mental del'enfant**. Paris: CDU, 1954.

\_\_\_\_\_. (1932). **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

\_\_\_\_\_. (1948). **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1972.

\_\_\_\_\_. (s.d.). Inconsciente afetivo e inconsciente cognitivo. In: \_\_\_\_\_. **A epistemologia genética / Sabedoria e ilusões da filosofia / Problemas de psicologia genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 226-241. Coleção Os Pensadores.

PITHERS, R. T.; FOGARTY, G. J. Symposium on teacher stress: occupational stress among vocational teachers. **British Journal of Educational Psychology**, n. 65, p. 3-14, mar. 1995.

REIS, E. J. F. B. et al. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 1.480-1.490, set./out. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2005000500021&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000500021&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 23 abr. 2016.

RIBAS, P. Estado de SP dá 372 licenças por dia a professores; 27% por transtornos mentais. **Estadão Conteúdo**. 24 abr. 2016. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2016-03-24/estado-de-sp-da-372-licencas-por-dia-a-professores-27-por-transtornos-mentais.html>>. Acesso em 01 maio 2016.

RIBEIRO, S. F. R. et al. Intervenção em uma escola estadual de ensino fundamental: ênfase na saúde mental do professor. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 12, n. 3-4, p. 905-924, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27130172017>>. Acesso em 23 fev. 2016.

ROMANZOTI, N. Tratamento de ansiedade e depressão pode ajudar a economia global, diz estudo. **Hype Science**. 18 abr. 2016. Disponível em: <[http://hypescience.com/tratamento-de-ansiedade-e-depressao-pode-ajudar-economia-global-diz-estudo/?utm\\_source=feedburner&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=Feed%3A+feedburner%2Fxpjv+%28HypeScience%29](http://hypescience.com/tratamento-de-ansiedade-e-depressao-pode-ajudar-economia-global-diz-estudo/?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+feedburner%2Fxpjv+%28HypeScience%29)>. Acesso em: 27 maio 2016.

ROUANET, S. P. **Teoria Crítica e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

SANTOS, C. **Estatística descritiva – manual de autoaprendizagem**. Lisboa: Edições Sílabo, 2007.

SANTOS, M. N.; MARQUES, A. C. Condições de saúde, estilo de vida e características de trabalho de professores de uma cidade do sul do Brasil. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 837-846, mar. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232013000300029](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000300029)>. Acesso em 23 fev. 2016.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (Cidade). **Dados da cidade**. São José dos Campos, 2016. Disponível em: <[http://www.sjc.sp.gov.br/sao\\_jose/dados\\_da\\_cidade.aspx](http://www.sjc.sp.gov.br/sao_jose/dados_da_cidade.aspx)>. Acesso em: 19 abr. 2016.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, jan./abr. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782007000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000100012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 03 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. Sobre a natureza e a especificidade da educação. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 286-293, jun. 2015.

SEIDL, E. M. F.; TRÓCCOLI, B. T.; ZANNON, C. M. L. C. Análise fatorial de uma medida de estratégia de enfrentamento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 17, n. 3, p. 225-234, set. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722001000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722001000300004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 abr. 2016.

SENNETT, R. **Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

\_\_\_\_\_. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

\_\_\_\_\_. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

\_\_\_\_\_. **O Artífice**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SILVA, E. P. Adoecimento e sofrimento de professores universitários: dimensões afetivas e ético-políticas. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 61-71, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://www.bibliotekevirtual.org/revistas/PSICOLOGIA/v17n01/v17n01a05.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

SILVA, N. P. **Entre o público e o privado: um estudo sobre a fidelidade e à palavra empenhada**. 2002. 353 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SILVA, R. R. D. **Sennett & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção Pensadores & Educação.

SILVA, S. C. P. S. et al. A síndrome de burnout em profissionais da rede de atenção primária à saúde de Aracaju. **Revista Brasileira de Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 10, p. 3011-3020, out. 2015. Disponível em: <<http://www>.

scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1413-81232015001003011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 mar. 2016.

SILVEIRA, K. A.; ENUMO, S. R. F.; BATISTA, E. P. Indicadores de estresse e estratégias de enfrentamento em professores de ensino multisseriado. **Psicologia Escolar e Educação**, Maringá, v. 18, n. 3, p. 457-465, set./dez. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141385572014000300457&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141385572014000300457&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 fev. 2016.

SILVEIRA, R. E. et al. Qualidade de vida de docentes do ensino fundamental de um município brasileiro. **Revista de Enfermagem Referência**, Coimbra, v. 3, n. 4, p. 115-123, jul. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S087402832011000200012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087402832011000200012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 23 fev. 2016.

SIMMEL, G. (1967). A metrópole e a vida mental. In: Velho, O. G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SIMPLÍCIO, S. D.; ANDRADE, M. S. Compreendendo a questão da saúde dos professores da rede pública municipal de São Paulo. **Psico**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 159-167, abr./jun. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/7566>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

SOARES, A. G. S. et al. Percepção de professores de escola pública sobre saúde mental. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 48, n. 6, p. 940-948, dez. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102014000600940&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102014000600940&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 fev. 2016.

SOCIEDADE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Sociedade&oldid=44829006>>. Acesso em: 1 mai. 2016.

SOUZA, A. N.; LEITE, M. P. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 23-27, out./dez. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010173302011000400012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302011000400012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 mar. 2016.

SOUZA, C. L. et al. Fatores associados a patologia de pregas vocais em professores. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 914-921, out. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102011000500013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102011000500013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 fev. 2016.

SOUZA, J. C.; COSTA, D. S. Qualidade de vida de uma amostra de profissionais de educação física. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 1, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0047-20852011000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852011000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 mar. 2016.

SOUZA, L. A. S. et al. Bem-estar subjetivo e burnout em cadetes militares: o papel mediador da autoeficácia. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 28, n. 4,

p. 744-752, dez. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722015000400013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722015000400013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 03 mar. 2016.

STENGER, E. **Adoecimentos em trabalhadores da metalurgia e trabalhadores do ensino: múltiplas abordagens qualitativas e ecológicas**. 2014. 253 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SUZIN, R. **A saúde geral dos professores municipais de Caxias do Sul e suas relações com as atividades laborais**. 2005. 140 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Engenharia) – Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SWAN, J. A.; MORAES, L. F. R.; COOPER, C. L. Developing the occupational stress indicator (OSI) for use in Brazil: a report on the reliability and validity of the translated OSI. **Stress Medicine**, v. 9, n. 4, p. 247-253, out. 1993.

TAMAYO, M. R.; TRÓCOLLI, B. T. Burnout no trabalho. In: MENDES, A. M.; BORGES, L. O.; FERREIRA, M. C. (Org.). **Trabalho em transição, saúde em risco**. Brasília: UnB/Finatec, 2001.

TARTUCE, G. L. B. P.; NUNESO, M. M. R.; ALMEIDA, P. C. A. Alunos do ensino médio e atratividade da carreira docente no Brasil. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 140, p. 445-477, ago. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742010000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742010000200008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 11 mar. 2017.

TAYLOR, C. **Sources of the self: the making of the modern identity**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1989.

TERRA, F. S. **Avaliação da ansiedade, depressão e autoestima em docentes de Enfermagem de universidades pública e privada**. 2010. 258 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

TIBÚRCIO, A.; MORENO, C. R. C. Síndrome de Burnout em professores do ensino médio de escolas pertencentes à gerência regional de educação e inovação (GEREI) do município de Tubarão (SC). **Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**, São Paulo, v. 4, n. 1, abr./ago. 2009.

TOLOSA, D. E. R. **Estudo da organização do trabalho, sentimentos, valorização e expectativa profissional de professores de 1º e 2º graus da cidade de Jundiá-SP**. 2000. 162 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

TUOMI, K. et al. **Índice de capacidade para o trabalho**. São Carlos: EdUFScar, 2005.

VALLE, L. E. L. R. **Estresse e distúrbios do sono no desempenho de professores: saúde mental no trabalho**. 2011. 208 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

VASCONCELLOS, E. G. Compilação de textos publicados sobre stress e coping. São Paulo: Instituto de Psicologia, 2016. Material ministrado em sala de aula.

VEIGA BRANCO, M. A. R. **Competência emocional em professores: um estudo em discursos do campo educativo**. 2005. 517 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Educação, Porto. 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10198/5311>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

VENTURI, G; BOKANY, V. (Org.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

VERA, C. R. G. **Aplicação dos elementos de meio ambiente do trabalho: equilibrado como fator de desenvolvimento humano**. 2009. 126 f. Dissertação (Mestre em Organizações e Desenvolvimento) – FAE Centro Universitário Franciscano do Paraná, Paraná, 2009.

VILAS BOAS, A. A.; MORIN, E. M. Psychological well-being and psychological distress for professors in Brazil and Canada. **RAM: Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 15, n. 6, p. 201-219, nov./dez. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-69712014000600201](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712014000600201)>. Acesso em: 23 fev. 2016.

ZOLA, E. (1885). **Germinal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ZORZANELLI, R.; VIEIRA, I.; RUSSO, J. A. Diversos nomes para o cansaço: categorias emergentes e sua relação com o mundo do trabalho. **Interface**, Botucatu, v. 20, n. 56, p. 77-88, mar. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832016000100077&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832016000100077&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 06 mar. 2016.